ANTONIO FRANC SCO BARATA

Vasco da Gama

EM

EVORA

COM VARIAS NOTICIAS INEDITAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA BAETA DIAS
21, Rua Augusta, 25
1898

ANTONIO FRANCISCO BARATA

Vasco da Gama

EM

EVORA

COM VARIAS NOTICIAS INEDITAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA BAETA DIAS
21, Rua Augusta, 25
1898

A

ANNIBAL FERNANDES THOMAZ

UM DOS MAIS PROEMINENTES

BIBLIOPHILOS

E

BIBLIOGRAPHOS PORTUGUEZES

TÃO AMIGO DA PATRIA COMMUM COMO O FÔRA

UM SEU ILLUSTRE ANTEPASSADO

Consinta, excellente e velho amigo, que eu prenda o seu nome ao meu, e ambos ao de Vasco da Gama.

Pelo muito que lhe queremos, não lhe irá mal na companhia: vossa excellencia reunindo com fervoroso zelo de portuguez lidimo quantos retratos d'elle existem, eu monographando-o em Evora, algum serviço lhe prestamos á sua immortal memoria delle, e não menos a presentes e a vindouros.

Pouco lhe levo ao centenario festivo: são as minhas pareas de pobre, sem ouro nem pedrarias orientaes.

Rocio d'apar S. Braz d'Evora, 1.º de Janeiro de 1897.

Antonio Francisco Barata.

Vimos o conde Almirante
com tantos medos diante
non recear fenon yr
té as Indias defcobrir.

GARCIA DE RESENDE: *Mifcelanea.*

Como as assombrosas descobertas maritimas, impulsadas do Infante D. Henrique, foram uma consequencia da tomada de Ceuta, a descoberta de um caminho maritimo para a India, ao longo de Africa, fôra uma consequencia natural d'aquellas.

D. Duarte, o successor de D. João I, nada poude fazer em seu curto e attribulado reinar.

O filho, D. Affonso V, proseguira com vantagens a empresa de seu avô e de seu tio, e d'ahi lhe viera o cognome de *Africano*.

D. João II, continuando a obra, expirára em 1495, sem lograr ver o resultado da viagem, que sonhava mandar fazer por mar em descoberta do *Preste João da India,* donde á Europa vinham pelo mar Erythreu, Isthmo de Suez, Alexandria e Mediterraneo aos portos commerciaes de Genova e de Veneza as especiarias d'aquellas partes orientaes. (1)

Legára o reino a D. Manoel e com elle a proseguição da heroica empresa da navegação para a India, em volta d'Africa.

Mandando acabar as náos, que seu successor deixára

---

(1) Especialmente depois de saber em Val de Paraiso, junto a Santarem, em 6 de Março de 1493, como ao Tejo chegára Christovam Colombo da descoberta do Cipango (Japão) e do Cathayo (China).

Cf. JOÃO DE BARROS. *Decadas.*

começadas de construir, e resolvendo em Montemor-novo, contra o parecer de muitos,(1) a descoberta da India, cuidou o novo rei de escolher o homem que lhe capitaneasse a breve frota.

Indicado lhe era elle pelo fallecido monarcha na pessoa de Vasco da Gama(2) que já prestára áquelle serviços valiosos sobre o mar.(3)

Filho de Sines, Vasco da Gama affeiçoára-se de menino ás vagas, e sem duvida é que seguira a carreira maritima das armas ao serviço de D. João II.(4)

Prestando juramento nas mãos de D. Manoel, ou em Estremoz, Evora ou Montemor-novo, caso que se não esclarece bem, é certo que 'num sabbado, 8 de Julho de 1497, dia de Nossa Senhora do Patrocinio, saira elle a barra de Lisboa com

---

(1) «Defpachando Vafco da Gama em mõtemor, ho nouo, onde el Rey estaua.»

CASTANHEDA, L.º 1.º pag. 4 v. *editio princeps.*

——— «fobre o qual cafo no anno feguinte de nouẽta ꝛ feis eftando em Montemor o nouo, teue alguũs geraes confelhos: em que ouue muytos ꝛ diferẽtes uotos, ꝛ os mais foram q̃ a India não fe deuia defcobrir. Porque alem de trazer configuo muytas obrigações por fer eftado muy remoto pera poder conquiftar ꝛ conferuar: debilitaria tanto as forças do reino q̃ ficaria elle fem as neceffarias pera fua cõferuaçam Quanto mais que fendo defcoberta podia cobrar efte reino nouos cõpetidores, do qual cafo já tinham experiencia, no q̃ fe moueo entre el rey Dom Joam ꝛ elrey dom fernando de Caftella, fobre o descobrimẽto das Antilhas: chegando a tanto que uierã repartir o mũdo em duas partes iguaes pera o poder defcobrir e conquiftar.»

J. DE BARROS: Decada 1.ª folhas 40, *editio princeps.*

(2) Filho de Estevam da Gama, Alcaide mor de Sines, e de D. Isabel Sodré.

(3) «... homem de quem confiaua e seruia em armadas...»

G. DE RESENDE: *Chron.* cap. 146, ed. de 1798.

——— Ag. M. de Vasconcellos, na vida de D. João II diz o mesmo.

(4) «Era Vafco da Gama expremẽtado nas coufas do mar em q̃ tinha feyto muyto feruiço a el Rey dom Joam...»

CASTANHEDA L.º 1.º pag. 4 v. *editio princeps.*

——— Cf. Garcia de Resende: *Chron.* cap. 206, ediç. de 1798.

seu irmão Paulo da Gama e com Nicoláo Coelho, nas náos S. Gabriel, S. Rafael e Berrio, e 'noutra, com mantimentos, cujo capitão era um seu creado, Gonçalo Nunes. (1)

Não é meu fim o historiar os preparativos d'aquella saida, descrevel-a por meudos e seguir os argonautas destemidos até pojarem na Colchos de Calecut, em 19 ou 20 de Maio de 1498, nem acompanhal-os até á volta de Vasco da Gama a Lisboa, talvez em 29 de Agosto de 1499, (2) bem como descrever a segunda viagem em 10 de Fevereiro de 1501, já Almirante, e a volta ao reino no primeiro de Setembro de 1502. (3)

Já o fizeram chronistas e o farão agora alguns escriptores.

---

(1) Cf. L. Falcão de Figueiredo: *Livro em que se contem toda a fazenda* etc. pag. 37.

——— «... z comprou para ir coeftes nauios hũa carauela de cincoenta tonelladas a hũ piloto chamado Birrio de q̃ a caravela tomou ho nome.»

CASTANHEDA L.º 1.º pag. 4.

——— «Efta náo foi comprada a Ayres Corrêa, de Lisboa.»

Idem.

——— «... hũ fabado oyto dias de julho do anno de mil z cccexcvij.»

Idem.

——— «Em 1497 em o mez de Janeiro estando em Estremoz (o rei) mandou chamar a Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, *homem solteiro...*»

LEITÃO FERREIRA: Ephemerides etc.

Cod. $\frac{\text{CIV}}{\text{1-37}}$ da Bibl.ª d'Evora.

(2) Não se determina com precisão o dia da chegada:

29 de Agosto	João de Barros
18 de Setembro	Gaspar Corrêa
8 ou 10 de Setembro	Castanheda
29 de Agosto	Falcão de Figueiredo
9 de Agosto	Duarte Pacheco
Fins de Agosto, princ. de Set.º	A. Herculano.

(3) «... Questo Ser^mo Re de portogallo hogi che son trenta di questo (Janeiro de 1501) ne la Ecclesia maggiore ha constituto un Don Vascho per Armiraglio de la India.»

ALBERTO CANTINO: *Document inédit concernant Vasco da Gama*, Paris, 1889, publicado por Henry Harrisse.

O meu fim, 'neste resumido trabalho, é estudar Vasco da Gama em Evora, onde teve casa, e onde viveu, ou já antes da viagem de 1497, ou depois della, o que é mais natural, quando casára com a filha de Alvaro de Ataide, Senhor de Pena Cova e Alcaide mor de Alvor, D. Catharina de Ataide (1) até que de todo, e para sempre, a deixára, quando foi viver para a Vidigueira, conde de seu titulo, em 1519, anno em que o duque de Bragança, D. Jayme, lhe vendeu aquella villa por 300:000 reaes de juro e 4:000 crusados em dinheiro, ou 10:913:925 réis (2)

Não se podendo assignalar o anno de seu matrimonio, e não se sabendo se fôra logo depois da primeira viagem, o que é natural, pois era solteiro antes, ou depois da segunda, temos hoje a certesa de que, antes de viver em Evora, vivera em Sines, sua patria, até ao anno de 1507. (3)

Depois que D. Manoel, o mandára sair d'aquella terra, por fazer a vontade ao filho natural de D. João II, D. Jorge, o Duque de Coimbra, é que naturalmente viria viver em Evora, onde já teria casa elle ou a esposa, ou a compraria ou mandaria construir então.

——— João de Barros marca o mesmo dia: *Dec.* L.º VI, cap. 2.º

Mas, cousa para serio reparo: Cantino, testimunha presencial da missa na Sé, data a sua carta ao Duque de Ferrara, Ercules d'Este, de 30 de Janeiro de 1501, e João de Barros diz que fôra no dia 30 de Janeiro de 1502, no que é seguido por outros escriptores portuguezes.

Duvidar de um documento authentico, como o de Cantino, cousa é que se não póde fazer, antes possivel será que João de Barros, que não presenceiou o caso, e escreveu as *Decadas*, algumas decadas depois, acertasse no dia, mas trucasse de falso no anno.

Tal é a razão porque preferimos marcar a segunda viagem em 1501 e não em 1502.

(1) Cf. João de Barros.

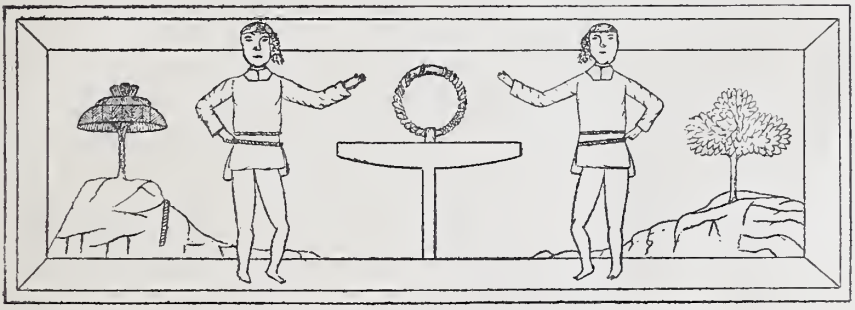
(2) Por Escriptura feita em Evora em 7 de Novembro de 1519.
Sr. TEIXEIRA DE ARAGÃO: *Vasco da Gama e a Vidigueira.*

(3) Por Alvará de D. Manoel, dado em Thomar aos 21 de março de 1507, foi D. Vasco da Gama mandado sair de Sines, com a familia, para que não mais ali podesse entrar, sob pena de 500 crusados, salvo com licença do Duque de Coimbra, D. Jorge, grão Mestre de Sant-Iago, cuja Ordem era Sines.
Sr. TEIXEIRA DE ARAGÃO: *obra cit.*

Na rua de Valdevinos existe uma casa em completa ruina: della apenas subsiste uma escada de granito, encimada por varanda da mesma pedra: o mais que constitue o *Pateo de Valdevinos* são casebres posteriores á fundação do palacio, sem merecimento nenhum.

Tem esta casa um *quid* de mor antiguidade do que aquella que existe habitavel e habitada, conhecida na tradição eborense com a designação de *Casas pintadas*, de que se tratará adiante.

Embebida na parede fronteira ao patamar da primitiva escada, e sobre a verga de antiga porta, existe uma pedra representando em alto relevo um palmar indiano, ao que parece, no campir, com dois indios, ou marinheiros segurando os cabos quebrados de uma ancora no primeiro plano.



Evidentemente é de um navegante este emblema, de Vasco da Gama, lembra logo, visto como este *Pateo de Valdevinos* foi vendido em Lisboa em 1859, pelo ultimo Marquez de Nisa e seu immediato successor a Antonio José Salvado, por carta civel de arrematação por sobrogação de inscripções de 3 %, datada de 2 de Abril d'aquelle anno, passada pelo escrivão do Juizo de Direito da segunda vara, José Theodoro Solano, claro ficando ter vendido o Marquez o que seu era. Este ultimo Marquez de Nisa falleceu nos Pyrineos em 1873.

Em 20 de Fevereiro de 1860 foi o Pateo vendido em Evora a Thiago da Silva Monteiro, por escriptura lavrada pelo

Tabellião Manoel Joaquim Ribeiro da Silva. Pertence hoje ao Dr. José Albino da Silveira Moreno, casado com uma filha do comprador, Monteiro.

Pertenceu o *Pateo de Valdevinos* ao morgado de Unhão e a seu vinculo, tornado allodial, encorporado na casa de Nisa em 28 de Agosto de 1741, quando o 5.º Conde de Unhão, D. João Xavier Telles de Menezes e Castro, casára com a Marqueza de Nisa, D. Maria José da Gama, de quem nasceu o 6.º Conde de Unhão, D. Rodrigo Xavier Telles de Castro e Silveira, que herdára as casas de Cascaes, Castanheira, Castro d'Aire, Unhão e Vidigueira.

Era, pois, da casa de Unhão aquelle arruinado palacio. Dos dizeres da escriptura referida nasce a ideia de ter pertencido o palacio aos Condes de Unhão antes de 1741, e, portanto, a de que o emblema nautico ali embutido na parede pertencesse a um membro d'aquella familia; mas, a qual? se não se conhece navegante algum de grande nome saido d'aquella casa, a não ser Antonio Telles de Menezes, que governou a India até 1640?

Seria mandado encravar ali o emblema pelo 6.º conde de Unhão, já descendente pela mãe de Vasco da Gama, em lembrança de seu illustre antecessor? A natureza da pedra parece não ser commum em Evora: é uma ardosia azul-escura, com feição de antiguidade. A critica, porém, repelle o asserto suppositicio; porque o palacio de tal modo está arruinado e desfeito, que não é crivel o ter-se assim arruinado depois de 1741.

De *Valdevinos* se diz a rua e o *Pateo* em que existe o quasi desfeito palacio. Parece que até ao anno de 1592 a rua se chamára do *Arco de S. Vicente*. Não pude descobrir no cartorio da Camara o anno em que se passaria a chamar de Valdevinos.

Em 1591 tres casas nobres, com oratorio, havia 'nesta rua: a casa em que morára Vasco da Silveira e depois Ruy Telles; aquella em que morára D. Isabel de Sousa; a casa em que vivera Manoel Rodrigues Pinhel, christão novo, *defronte dos Cogominhos*.

No anno de 1592 morava 'numa dellas D. Isabel, mulher do Camões. (1)

Excluida a do christão novo, que por ficar defronte dos Cogominhos estava no fim da rua, sobre o largo da Misericordia; excluida tambem a de D. Isabel de Sousa (que deve ser a dos Salemas actuaes) cujas armas de familia tem 'num brasão, resta a casa de Ruy Telles de Menezes como a que, ao depois, fôra habitada dos Valdevinos, e que é a mesma de que se vae tratando.

Foi Ruy Telles de Menezes o 8.º senhor de Unhão; casou com D. Marianna da Silveira, filha de Vasco da Silveira, Commendador d'Arguim, prisioneiro em Alcacer Kibir e morto em Africa, depois de 1578.

Vasco da Silveira, o que viveu 'naquella casa, morreu em 1550 e deixou testamento, feito em 1549 pelo tabellião P.º Rodrigues, no qual declara não ter filhos: «porquanto eu hora ao tempo que fiz e eſtytuy eſte morgado anexado ao de meu pay e may não tenho f.os p.a com direyto ho poderem herdar uem por direyto ha poſeyçã delle ao señor fernão da Silueira meu irmão. . . » (2)

E não ha duvida que foi este Vasco da Silveira, sem filhos, o que ali viveu, porque no morgado que instituiu, entre as propriedades que o comporiam, além da Quinta da Silveira de Metrogos, e de outras, uma era esta casa de *trás de S. Vicente:*

Itt. «Nomeo q̃. do ſeñor meu pay e da ſrã minha may me ficarão has duas terças ambas para morguado q̃ ſe começou em mÿ com obrigação de eu deixar ha metade de minha terça ha q.l deyxo como eſtou obriguado e ſe uera p.los compremiços aſy p.lo q̃ hera f.to e q̃ eu mais fiz e q̃ coube nas terças q̃ me o señor meu pay e may deyxarã foy eſtas caſas deuora todas ẽ

(1) *Livro das visitações dos oratorios d'esta cidade d'Evora de 1591.* Da Livraria do sr. Visconde da Esperança.

(2) *L.º 1.º da Provedoria d'Evora.*

redondo da p°ta do terreyro a dentro a fora as bẽfeytoryas q̃ eu deſpois fiz nellas e eſtão *junto de ſão vicẽte*. . . » (1)

Por esta instituição de morgado, e pelos dizeres da nota parece que este Vasco da Silveira é o pae de D. Marianna, casada com Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhão; mas o Vasco da Silveira morto em 8 de Janeiro de 1550, que testou em 1549, e que ali vivia 'naquella casa, não deixou filhos, como já se disse e repete: «não tendo eu f.os E neſto ey por recebyda muyta mercê de D.s e conforto de hos não ter.» Logo é outro homem.

E é outro, na verdade; é um sobrinho, filho do irmão Antonio.

Por curiosa, estudemos um pouco esta familia dos Silveiras, de Sortelha, cujo sangue entrou na familia de Vasco da Gama. Sigamol-a, desde D. Nuno Martins da Silveira em 1431, até D. Marianna da Silveira, a que se ligou ao 8.° Senhor de Unhão, donde, no 5.° conde, passou á casa da Vidigueira.

E curioso estudo, ainda que breve, pelas especies ineditas, que offerece ao leitor:

Nuno Martins da Silveira Leonor Gonçalves de Abreu	Filho de Manoel Gil Pestana, de Evora, escrivão da Puridade do Infante D. Duarte (depois rei) e de D. Affonso V, instituiu a capella do Salvador no convento de S. Domingos de Evora. (2)

(1) «Capella de V.co da sylu.a (outra letra) he miniſtrador hora Rui Telles de menezes ſeu jemrro (outra letra por baixo) Poſſue o conde de Unhão»
L. 1. da Provedoria d'Evora, fl. ccxxbj.

(2) Não eram antigas as instituições de capellas e Morgados, entre nós. Parece que o mais antigo de que ha noticia é o que D. Pedro I permittiu instituisse Moysés Navarro, 70 ou 80 antes d'este Nuno Martins da Silveira.

A doutrina destas instituições parece ter sido esta: se a vontade do testador e instituidor do vinculo attendia *primo et principalibus* á conservação de sua familia no futuro, com luzimento e honra, a instituição era Morgado; se, porém, 'nesses legados a *pars praevalentior* era destinada aos bens da alma, a instituição era Capella.

Filhos:

Diogo da Silveira

Gonçalo da Silveira
Vasco da Silveira } Mortos na Hespanha, onde refugiados, por causa da conspiração do Duque de Vizeu.

Diogo da Silveira Brites de Goes } Este filho mandou dar aos frades de S. Domingos um moio de trigo. Tambem foi escrivão da puridade de D. Affonso V, que lhe deu a villa de Goes. Morreu em Africa em 1464. (1)

Filhos:

Nuno Martins da Silveira
Gonçalo da Silveira } Escrivão da Puridade de D. Affonso V foi o primeiro.

Jaz na villa de Goes, em rico moimento de pedra d'Ançã, em que avulta, 'num ediculo, a sua estatua de joelhos, a ler 'num

---

Eram estes legados, para bem das almas, uma natural consequencia da perpetuidade dos bens alem da morte, para a eternidade, pela associação das ideias religiosas da salvação e bemaventurança eterna.

Para se não offender a lei *Avoenga*, parece que era uso deixar os bens adquiridos para Capellas, sendo os de *familia* para os Morgados.

Só na falta de varões passavam as administrações dos Morgados ás femeas.

Cf. Coelho da Rocha, Viterbo, J. Anastacio de Figueiredo, e leis de 1769 e 1770 etc. Leia a nota C no fim.

(1) «Afonſo Glz D.º da Silu.ª do conſelho Eſpuaõ da puridade delrey noſo / ſenõr u9 faço ſaber q̃ a mỹ praz q̃ os frades e conuento deſte moſtr.º de ſam domingos omde ha capella de meu padre e de minha madre q̃ ds. / aja he edificada cada huũ anno elles ajam huũ moyo de trigo aalẽ / do que lhe por os ſobreditos meu padre e madre foy ordenado q̃ ajam / Porem u9 mando E encomendo q̃ cada huũ anno lhe façaaes dar / o dito moyo de trigo pagãdo nos trĩta como ſe ſempre pagou e paga / da dita capella cada huũ anno a mỹ feto em euora a xxiiij dabrill anno de mill e cccclxi (1461)

D. Diego
da silueira»

Cod. $\frac{\text{CLVII}}{2\text{-}21}$ da B.ª d'Evora.

TUMULO DE D. NUNO MARTINS DA SILVEIRA

livro, com esta inscripção, hoje illegivel, no chão da capella mor:

AQUI IAZ DN.º MARTĨZ DA SILVEIRA ESCRI
VÃO DA PORIDADE DELREI DOM AFFONSO
QVINTO E MORDOMO MOR
DA RAINHA DONA CATIRINA
SÑOR DO MORGADO DE GOES E VILLA
DE OLIVEIRA DO CONDE O Q
VAL FALECEO EM VINTE E
OVTO DE MAIO DE 1528.

Filho:

Luiz da Silveira Brites Coutinho } 1.º conde de Sortelha e Guarda mor de D. João III.

Jaz em Goes, onde seu tumulo teve esta inscripção:

AQUI JAZ DOM LUIZ DA SYLVEIRA PRI
MEIRO CONDE DE SORTELHA QUE EMQUANTO
VIVEO NUNCA FALLOU COM PERO CORREA.

Filho:

Diogo da Silveira { Foi tambem Guarda mor de D. João III e fundou o celebrado Hospital de Goes: attesta-o esta inscripção:

ESTA CAPELA ESPRITAL
MANDOU FAZER DŌ DIOGO
DA SILUEIRA GOARDAMOR E
DO CŌSELHO DOS MUYTO
ALTOS E MUITO PODEROSOS
REIS DOM IOAM I-Z-I E DOM SE
BASTIAM SEV NETO E PRIMEI
RO DESTE NOME NA ERA DE
ISSX. (1)

(1) Não era só para o tratamento das molestias communs este hospital, mas especialmente para a cura da syphilis, o *gallico* ou *venereo* de nossos antepassados.

Não averiguando se Astruc demonstrou não ser a syphilis conhecida dos antigos, nem explicar a razão porque Fracastor lhe deu tal nome no seu notavel

Filho:

João da Silveira . . . . .

Irmão do 1.º D. Nuno:

Fernão da Silveira } Regedor da casa da Supplicação e Cou-
Isabel Henriques } del mor.

Filhos:

Francisco da Silveira — Coudel mor.

Fernão da Silveira — Coudel mor.

Jorge da Silveira
Margarida Furtado de Mendonça } Jazem no convento do Espinheiro, proximo d'Evora, com este epitaphio:

ESTA SEPULTURA HE DE JORGE DA
SILUEIRA DO CONC° DEL REY N.
S^R E DA MUY VIRTUOSA SENHORA
DONA MARGARIDA FURTADA DE
MENDOÇA SUA MOLHER QUE DS
AJA FILHO DO MUY HONRADO S^R
FERNÃO DA SILUEIRA E DA MUY
VIRTUOSA SENHORA DONA ISABEL
HENRIQUES.

---

poema: *De Syphilis*, talvez do Grego *sys*, porco, e *philia*, amor—amor immundo; nem mesmo saber donde viera, e quando, para a Europa o terrivel virus, se fôra da America para a Hespanha, e desta para a Italia, e desta para a França, ou *vice-versa*, aqui direi que o tratamento da syphilis 'neste hospital era o iatraleptico, conhecido de largos annos, de fricções mercuriaes e de transpirações copiosissimas provocadas por temperaturas altas.

Tantas curas maravilhosas se faziam 'neste hospital que seu nome foi tão celebre no paiz como hoje o é o de Faro.

Tal como no tratamento do Algarve se acredita na influencia do clima, em Goes julgava-se que as aguas exerciam essa influencia pelas propriedades alexipharmacas, que tinham.

Filho:

Vasco da Silveira
D. Brites Freire
D. Leonor Henriques } De nenhuma das esposas houve filhos, e de ambas lhe ficaram bens, vindo-lhe da primeira a herdade das Azinheiras.

Fernão da Silveira } Camareiro do Infante D. Fernando em 1549 e Coudel mor.
Antonio da Silveira
Genebra de Brito

Filho:

Vasco da Silveira
Ignez de Noronha } Aposentador mor de D. João III e pae de Marianna da Silveira.

Filha:

Marianna da Silveira — Mulher de Ruy Telles. (1)

Ficou em cima o epitaphio de Jorge da Silveira e aqui ficarão tambem os do filho e do avô deste, que jazem no Espinheiro, da Ordem de S. Jeronymo:

ESTA SEPULTURA É DE VASCO
DA SILVEIRA FILHO DE JORGE DA
SILVEIRA E DE DONA MARGARI
DA FURTADO DE MENDOÇA. E DE
SUA MOLHER DONA LIANOR FILHA
DE GARCIA DE MELLO E DE DONA GUIMAR
HENRIQUES

Parece que fôra, no seculo passado, um negociante do Porto quem mandára construir á entrada da ponte de Goes a linda capella aos anargyros S. Cosme e S. Damião, e talvez a S. Pantaleão, em agradecimento aos santos medicos, que o curaram da syphilis.

Este hospital acabou com os dizimos, em 1834.

(1) Cf. *Historia Genealogica*, e Codice $\frac{\text{CXVII}}{1\text{-}12}$ da Bibliotheca Publica de Evora.

A campa de Fernão da Silveira tem este epitaphio:

AQUI JAZ O MUITO HONRADO SE
NHOR FERNÃO DA SILVEIRA DO
CONC.° DEL REY N. S.R COUDEL MOR
NESTES REYNOS. REGEDOR DA CASA
DA SUPPLICAÇÃO SENHOR DE AN
SIÃO E DA SOUEREIRA PERMOSA. E
A MUITO HONRADA E VIRTUOSA SE
NHORA DONA ISABEL HENRIQUES
SUA MULHER (1)

Casaram estes Silveiras com senhoras da casa dos Henriques, das Alcaçovas.

Seria algum descendente de Fernão da Silveira o que na sequencia dos tempos viria a ser o Valdevinos? ou serão estes fidalgos os que na casa do *Pateo dos Valdevinos* viveram, outra familia, sem parentesco com os Silveiras?

Não sei. Deixo este estudo aos especialistas do assumpto.

Não resta duvida de que a casa e Pateo dos Valdevinos a mesma fôsse em que viveu o Vasco da Silveira, que não deixou descendencia, como se viu, e que foi vendida pelo ultimo Marquez de Nisa.

Deixando, pois, esta casa, que não foi de Vasco da Gama, como se antolhava pelo emblema nautico e por ter sido vendida por um descendente do famoso descobridor da India por mar, volvo outra vez aos Valdevinos.

É Valdevinos um appellido nobre, porque se encontra junto com o dos Barretos e dos Vasconcellos em dois academicos da *Academia de Historia* nos annos de 1721 e 1722, em José Barreto de Valdevinos, academico provincial, e em José de Valdevinos e Vasconcellos, academico supranumerario.

Um filho de Evora, dado a letras antes que se lhe ente-

(1) Cod. $\frac{CX}{1\text{-}8}$ da Bibl.ª d'Evora. N.º 22.

nebrecesse o espirito, J. A. de Sousa Telles de Mattos, já affirma a existencia delles em 1639. (1)

Tambem se encontra este celebre appellido junto com os Landins, e deste facto e da referencia de Telles de Mattos, 'nessa nota exposta, me veiu ao espirito a ideia de os crer desta cidade. Busquei muito, muito procurei tanto em Evora como fora della. Taes fidalgos são desconhecidos de genealogistas.

Vou deixar aqui o resultado de minhas pesquisas, para ponto de partida a curiosos destes estudos.

Nos fins do seculo XVI viveu José de Valdevinos; porque em 25 de Setembro de 1605 morreu seu filho, Antonio Luiz de Valdevinos.

Em 1618 é Mesario da Misericordia de Evora José de Valdevinos.

Affonso Pires de Valdevinos vive no anno de 1639.

É Mesario da Misericordia d'Evora em 1650 ou o mesmo José de Valdevinos, referido, ou já outro.

Em 1667 foi José de Valdevinos padrinho do casamento de Marianna, filha de Antonio de Mira Calção, celebrado em Evora.

Aos 14 de Agosto de 1678 casou em Evora Nuno Pestana de Brito com Francisca de Valdevinos, filha de Nicolau Coelho Landim e de Brites de Landim, morta em 1646, donde se colhe ser a mulher de Landim da familia dos Valdevinos.

Em 1683 outro José de Valdevinos é Mesario da Misericordia.

Em 1684 morreu em Evora Francisca de Valdevinos e Vasconcellos, mulher de Nuno Pestana de Brito. (Nota no fim).

De 1694 até 1697 é Thesoureiro da Misericordia José Barreto de Valdevinos, que nos annos de 1699 e 1700 é Mesario da primeira condição, e seguidamente até ao anno de 1716 o encontramos, ora escrivão da Mesa ora Mesario della.

---

(1) «Em 1639 o morgado de Evora Valdevinos era tão perdulario que seu nome ficou como epitheto de prodigo.»

J. A. DE S. TELLES DE MATTOS: *Annaes da Lusitania e Portugal.* Lisboa, 1890.

Em 1718 foi elle testemunha do casamento de Francisco Cabral de Lacerda com D. Theodora Marianna Josefa Joaquina de Mesquita Pavia.

Sendo a casa Mesquita uma das mais nobres e opulentas de Evora não é crivel que as testemunhas não fossem nobres tambem.

Em 1719 é Escrivão da Misericordia José de Valdevinos e Vasconcellos e escrivão da Irmandade em 1721.

Em 1725 exerce as mesmas funcções José Barreto de Valdevinos.

Revesa no cargo José de Valdevínos em 1729, e no anno de 1737 aos 11 de Fevereiro, morreu solteiro 'nesta cidade Jose Barreto de Valdevinos e Vasconcellos, contando 83 annos de edade, porque fora baptisado em 26 de Março de 1654, como filho de Nicolau Coelho Landim e de D. Marianna de Vasconcellos de Valdevinos, herdeira do morgado de seu appellido e foi sepultado na capella que instituira seu tio, José de Valdevinos, no convento do Salvador, de Clarissas. Não existe esta capella, provavelmente uma demolida, ha poucos annos, quando no edificio se aquartelou o 4.º Batalhão da Guarda Fiscal. Era na cêrca.

Infere-se, pois, destes dados que os Valdevinos são de Evorá; e, resumindo, temos:

1 José de Valdevinos

2 Antonio Luiz de Valdevinos

3 Affonso Pires de Valdevinos (1)

4 José de Valdevinos

5 Marianna de Valdevinos

6 José Barreto de Valdevinos, filho do numero 5 e de Nicolau Coelho Landim, morto em 29 de Junho de 1679, pae de

---

(1) Codice $\frac{\text{CLXV}}{\text{2-27}}$ da Bibliotheca de Evora.

—— O *Livro do Acenheiro* da Misericordia, diz o sr. G Pereira, que já falla de um Valdevinos em 1380.

7 Francisca de Valdevinos e Vasconcellos, casada, como se viu, com Nuno Pestana de Brito, morrendo-lhe o pae no anno seguinte, o qual foi sepultado no Convento da Graça, e deixou uma *Memoria sobre a fundação do Salvador de Evora*, (1) e a *Vida da M.ᵉ Marianna do Evangelista*.

Foram homens de letras estes Landins. Talvez que pae de Nicoláo fôsse no seculo XVI o Provedor d'Evora, Licenciado Gaspar Dias de Landim, auctor de uma especie de chronica do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, morto em Alfarrobeira, ha pouco publicada em Lisboa. O celebre conego Antonio de Landim Sande, a quem Evora muito deve, pertencera á mesma familia. (2)

Rua das *Casas pintadas* se chamára aquella em que existiu o predio do grande homem, do nauta destemido, mudado seu nome para o de *Vasco da Gama*, a pedido, ou por lembrança á camara do malogrado Dr. Augusto Filippe Simões, por 1867, quando este notavel homem de letras avivou d'aquelle modo a tradicção não só do nome do celebre navegante, como o de Diogo Cão e de outros notaveis na historia eborense.

Somente pelas vozes da tradicção se sabia em Evora o terem sido de Vasco da Gama as *Casas pintadas*. Hoje, porém, ha um documento authentico, que lhe respeita e as colloca no local em que existem. É o *Livro das visitações dos oratorios desta cidade d'Evora de 1591*, no qual se lê: «...caſas do Conde da Vidigueira q̃ eſtam iunto ao eſcriuaõ Cunha e iunto da Inquiſiçaõ.»

São as actuaes, não podem ser outras. Pertenciam 'naquelle anno ao Conde Almirante, D. Francisco da Gama, neto de Vasco da Gama.

Haverá pouco mais de cincoenta annos ainda havia em

---

(1) Cod. $\frac{\text{CVI}}{2\text{-}23}$ da Bibliotheca de Evora.

(2) Instituio um morgado que se encorporou no da Torre dos Coelheiros.
Evora Gloriosa.

Evora quem se lembrava de as ter visto pintadas de palmares e de Indios a côres e ouro. (1)

Não tem hoje aspecto de antiguidade esta casa, a não ser nas abobadas artesoadas das lojas e armazens, em um dos quaes existiu o Theatro da cidade, até á feitura do de Garcia de Resende, e no portão de entrada, que poderá ser primitivo, pela singular maneira do corte da verga, e por haver na cidade outras congeneres em portados da mesma epocha.

Depois do anno de 1597, em que se fizera segunda visita ao oratorio das casas, foram ellas vendidas á Inquisição para alargamento de suas habitações. Tanto por esta visita como pela havida em 1591 se vê que os Condes Almirantes haviam despresado o predio. Leia-se no fim o documento alludido.

Diz o auctor da *Evora Gloriosa* que 'naquellas casas nasceram a Vasco da Gama os filhos que teve. È gratuita esta affirmativa, ainda influenciada do exagerado patriotismo de André de Resende; (2) porque não existindo em Evora livros de baptismo desse tempo, os quaes só começaram em 1534, decretados no Synodo diocesano, celebrado na sé em 27 de Maio d'aquelle anno, sendo ultimo Bispo d'Evora o filho de D. Manuel, D. Affonso IV na serie de taes nomes, (3) claro é o infundado do asserto.

---

(1) «...suas casas eram as que chamamos pintadas, por causa dos bichos, e animaes, e arvores indiaticas que elle nellas mandou pintar, pouco ha que D. José da Gama (que é 5.º neto do nosso D. Vasco, Arcediago na sé do Algarve e Deputado do Santo officio de Evora) nos disse que o ouro que se está ainda vendo entre estas pinturas, he do primeiro que o dito D. Vasco trouxe da India...»

Evora Gloriosa, Ms. t. 2.º cod. $\frac{\text{CXXX}}{\text{1-9}}$ da Bibliotheca d'Evora

(2) Tão exagerado tem sido em todos os tempos, e talvez hoje mesmo, este excessivo amor ás velharias de Evora que levou o P.e Martim Cardoso de Azevedo no seculo passado (Amador Patricio) a verberar zombeteiramente aos Resendes de todos os tempos, na sua *Historia das Antiguidades d'Evora*, impressa nesta cidade em 1739, fazendo com que filhos desta cidade fossem Cupido, Baccho, Venus e outros personagens mythologicos, como André de Resende para cá trouxera Sertorios, Viriatos e outros antigos. A historia de Evora não carece de adminiculos risiveis para ser das primeiras cidades portuguezas.

(3) «Por algũs juſtos reſpeitos q̃ nos a ello mouẽ. Ordenamos ⁊ mandamos q̃ em cada igreja deſte noſſo bp̃do ſe faça da pubricação deſta conſtituição a trinta disa:

Possivel seria que ali lhe nascessem alguns filhos; mas não os primeiros, naturalmente nascidos em Sines, alguns dos quaes já eram homens em 1524, quando elle foi para a India, por ultima vez; porque desde 1507 a 1519, anno em que fóra viver na Vidigueira, de crer é que vivesse em Evora, onde possuia casas.

Não ha, porém, documentos que o provem. *Livros de notas* dos antigos tabelliães da cidade não vão alem da segunda metade do seculo XVI, e no Archivo municipal nada conheço a lembrar o nome de Vasco da Gama, nem mesmo na vasta collecção dos manuscriptos da Bibliotheca publica.

Dos elementos expostos colhe-se, porém, a certesa de que Vasco da Gama teve casas em Evora, e presumpção, se não certesa tambem, de que 'nellas viveria.

Não é crivel de que tendo elle filhos a educar deixasse Evora, onde para isso tinha então elementos valiosos nos conventos e mosteiros, especialmente no de S. Domingos, no qual se educavam mancebos, embora não seguissem a profissão religiosa. (1)

Até ao anno de 1524, em que D. João III o nomeára

---

hũ liuro: aa cufta do prior: ou rector defla igreja. ho qual tera ho dicto prior: rector: cura ou capellã no thizouro da igreja: ⁊ em hũa parte delle fcreua ho proprio nome do clerigo: que baptizar a creatura. dizendo. Eu foaã cura. ⁊c. ⁊ logo ho: dia mes: ⁊ anno ⁊ ho nome da creatura que baptizar. ⁊ de seu pay ⁊ may fendo auidos por marido e mulher. ⁊ os nomes dos padrinhos ⁊ madrinhas...»

Constit. do Bispado de Evora, 1534, f. 3, v.

—— O Concilio Tridentino, em 1563 adoptou o systema: «Parochus librum in quo conjugum & teftium nomina, diemque & locum contracti matrimonii defcribat, quem diligenter apud fe cuftodiat.»

Sess. XXIV, C. 1.º *De ref. mat.*

—— «Introduziu nas freguezias os livros dos Baptismos, que até então não havia.»

FONSECA: *Evora Gloriosa*, pag. 249.

(1) No convento de S. Domingos foi educado Fernão de Oliveira, o auctor da primeira Grammatica da lingua portugueza, como elle 'nella diz, 'num dos ultimos capitulos: «...fendo eu moço peq̃no fui creado em faão Domingos Devora...«

Ediç. do Porto, 1871.

Governador e Vice rei da India, (1) viveu o grande homem na sua casa da Vidigueira, donde sahira em terceira viagem para ir morrer de um anthrax em Cochim, aos 24 de Dezembro desse anno, apagando-se ali aquelle astro de immenso brilho.(2)

---

(1) Em 23 de Fevereiro de 1524 fez D. Vasco da Gama preito e menagem nas mãos de D. João III.

Cf. *Alguns documentos do real archivo*. Lisboa, 1890.

(2) «O viforey auia dias que andaua adorado de grandes dores no pescoço, que lho encordoauão, e vierãm apontando uns leicenços pelo toutuço muy duros, ſem quererem amadurecer.»

GASPAR CORREA: *Lendas da India*, t. 3.º, pag. 843.

NOTAS

NOTA A

«Auto da uiſita do oratorio / q̃ eſta nas caſas do con / da Vidigueira iunto as / caſas do Cunha eſcriuão / do auditorio q̃ ſe fez a 14 / do mes de deſembro de 91.»

«Ano do nacimento de noſſo Sõr lhũs Xp.º de 1591 aos quatorze dias do mes de dezembro da dita era em eſta cidade deuora nas caſas do conde da Vidigueira q̃ eſtam iunto ao eſcriuão Cunha e iunto da Inquiſiſlão eſtando ahi peſſoalmente o L.dº Ec.º fueiro dalbargaria uiſitador deſte Arcepiſpado uiſitando hũ oratorio q̃ nas ditas caſaſ eſta mandou a mi eſcriuão ao diante nomeado q̃ fizeſſe eſte auto p.ª por elle conſttar da uiſita do dito oratorio e de algũas ſaltas ſe puẽrẽ ſe as nelle ouueſſem e ſe achou ho ſeguinte. Primeiramente ſe achou e uio o dito oratorio eſtar fundado *en lugar indecente* por o dito oratorio eſtar no meio das ditas caſas e cerquado todo arroda de caſas em hum paſſadiſo e ſeruentia das meſmas caſas em ho qual paſſadiso e oratorio eſta leuantado hum altar de madeira ſobre dous páos encoſtados a hũa parede de tijollo frances de peralto já meia derrubada pella banda de baixo de maneira q̃ pella dita parede eſtar derrubada e o dito altar na dianteira não ter mais q̃ duas ou tres taboas fiqua o dito oratorio e altar pſanado por poderẽ paſſar por baixo delle de hũa parte p.ª a outra peſſoas e canis e gatos e na dita parede em q̃ ho altar eſta encoſtado da banda de dentro eſta hũa cama q̃ deue ſer de marido e mulher q̃ mora nas ditas caſas a qual cama eſta encoſtada a dita parede e ao altar no pprio lugar onde a parede eſta rota de sorte q̃ quẽ eſtiuer na cama della pode pôr as mãos no altar, e o dito altar eſta deſnu com duas taboas por ſima ſem ter ſanto nẽ imagẽ nẽ cubertura nẽ couſa q̃ repreſente ſer a dita caſa oratorio mais q̃ ho altar ſem pedra de ara nẽ sinal della e hũ ſorroſinho de madeira pelo tecto q̃ repreſenta ſer a dita caſa oratorio. E ſendo perguntado Diogo Mĩz ſaisco por ter auinte annos cargo das ditas caſas e ſaber dellas quanto tempo hauia q̃ ho dito oratorio era fundado e por cuja autoridade e ſe tinha dote, e ſe uiu em algũ tempo diſer miſſa nelle, diſe q̃ do ſobredito não ſabia couſa algũa nẽ uira nunca dizer miſſa nelle nem ouuira dizer q̃ nelle ſe diſeſſe miſſa. E por inſormação de hũa mulher q̃ mora nas ditas caſas foi dito q̃, dona lianor de tauora pouſara de dous annos p.ª ca nas ditas caſas e q̃ eſtando ella ahi ſe deuia de dizer miſſa no dito oratorio q̃ o padre capellão da dita dona lianor diria ao ſobre dito, e ſendo chamado o padre gaſpar martinho cápelão da dita dona lianor diſſe q̃ dos ditos dous annos p.ª ca diſſera elle dito padre miſſa no dito oratorio perto de hum anno a dita dona lianor

por ſer ſeu capelão e q̃ lhe dera p.ª iſſo licenſa ho puisor Doctor M.ᵉˡˡ de cerqueira ho qual primeiro ho fora ueſitar e ſendo lhe pedida a licenſa per q̃ elle diſſera miſſa diſſe q̃ não ſe achara nẽ elle tinha puiſão p.ª dizer miſſa no dito oratorio. E ſendo elle dito padre perguntado ſe eſtando o dito oratorio da maneira q̃ dito he diſſera miſſa nelle, diſſe q̃ ho hornarão muito bẽ e q̃ aſſim ſe deuia dizer miſſa nelle, e a dita mulher, q̃ ora mora nas ditas caſas diſſera q̃ não tinha o dito oratorio ornamentos alguns nẽ ſabia de dote q̃ ho dito oratorio tiveſſe de q̃ todo eu eſcriuão fiz eſte auto em ho qual dou minha fee paſſar todo ho ſobre dito aſſim na uerdade e o aſinei cõ o ſõr uiſitador q̃ mandou ſe perguntaſſe por teſtemunha do ſobre dito gonçalo fiz requerente das peſſoas dos oratorios per ſe achar presente eu Manuel g̃lz eſcriuão ho eſcreui. O L.ᵈᵒ Ec.º Sueiro d'Alg— M.ˡ g̃lz.»

Livro das visitações, etc., pertencente ao sr. Visconde da Esperança.

NOTA B

«Em ii de 7b.ʳᵒ de 684 enterrou a tumba da Irmandade da Miz.ª a D. Franciſca de Valdevinos e Vaſconcellos, m.ᵉʳ do Irmão Nuno Pestana de Brito, foy a enterrar a N.ª S.ª da graça. E deu de eſmola mil reis por conſerto da Alcatifa que foi na tumba.»

Cartorio da Misericordia: *L.º respectivo.*

NOTA C

Por ser um singular modêlo de lingoagem mystica, e de redundancias, como outro não conheço, aqui vou deixar o comêço do testamento de D. Nuno Martim da Silveira, feito em 1431:

Em nome de ds amẽ. Saibham q̃ntos eſte eſtormento uirem q̃ na Era do naſcimento de noſſo S.ᵉʳ jhũ xp̃o demjll e quatro centos e tñta e huũ annos dez dias dagoſto ẽ lixboa nas caſas de Nuno Mĩz da silueira caualleiro spuaõ da puridade do snõr Iffante ſtãdo hi o dto Nuno Mĩz E ieonor gonçalves daaureu ſua molher E na p̃ſença de mỹ Aluaro Anes tabaliom delrrey na d̃ta çidade E as teſtemunhas adiante scᵗptas Os sobrd̃tos mostraró e logo de pᵒsente leer fizerõ hũa ordenança dhũa Capella q̃ mandauõ faẽ e ſtetujam no Mosteiro da cidade deuora de sam domjgos da qual ordenança de capella o theor he eſte que se segue ¶ Em nome de ds todo poderoso padᵉ e filho e ſpũ ſanto tres pᵒſoas e huũ ſo ds E em nome da ſancta glorioſa bẽd̃ta Raynha dos anjos uogada dos pecadores Maria virgem mae de noſſo Sõr e Remjdor saluador e ũdadejro d̃s ante o q̃ll toda cᵢatura raſoauell eſta e ha dhir pſẽnte a ſua mageſtade jmperiall E jnſindo e ſpantoſo e poderoſo juizo pa ouuir ſentenças e recẽbr gallardom ſegundo ſuas obras e mẽcimentos E por que p pᵒzes e miſericordioſos rogos e g̃ças dabemd̃ta mae do Snõr d̃s os pecadores recebem do ſeu glorioſo e mj̃ſicordioſo filho ẽ cada huũ dia pdoança e releuamẽto das culpas e pecados ẽ que ẽcorrem e caaẽ Porẽ nos q̃ eſto começamos a ella deuotamẽte nos ẽcomẽdamos q̃ eſta obra e ẽ todallas oũts q̃ a ſua ſantidade ẽtender por mjlhor aſly por serviço do ſeu beento filho e ſeu E por bẽ e ſaluaçam de noſſas almas q̃ a ellas nos queira ẽcamjnhar a leixar obrar e ẽ ellas acabar em tall guiſa q̃ q̃ndo noſſas almas pecadores deſte mundo partirẽm tanta gĩa p ella recebamos do ſeu glorioſo filho q̃ poſto q̃ jndignos ſeiamos de tãto bem e gloria mecẽe q̃ ell p̃lla ſua jnſynda miſſicordia nos queira pd̃oar os pecados e culpas e as leuar ante a ſua face ſem cajam e p̃ygo honde p.ª ſemp̃ ujuamos cõ os ſeus ſanctos amẽ E tornãdo aa ꝯtinuaçã deſta

obra he de ſabr q̃ todo homẽ ũdadeyramente deue ſguardar anacença de ſi meeſmo e ſua uida meſquinha e tribullada quando he ẽ elle mũdo E uhara q̃ he geerado ẽ pecado E que naçe cõ door e m̃teiro e tⁱſteſa E q̃ ſua uida tẽporal hẽ muyto curta e ligeiramente paſſa E o q̃ mais uiue todo lhe parece nada ao t̃po de ſua fim E porq̃ todo fiell xpaão deve co tempo aconſjrar ſõbr ſeus f̃tos e acabamẽtos de ſeus dias e como ſſe tⁱgoſamente a elle achega amorte q̃ ha daũ A quall nũca anẽhũ pdoou nẽ pdoa. Porẽ em uiuendo ẽ q̃nto omĩſicordioſo noſſo S.er d̃s aguardar ſe deue de tirar dos erros e dos paſſados ſe arepender e cõ boa e ũdadeira cõtriçã as confeſſar e fãz delles peendença e ſe cõformar cõ a ſancta e uⁱtuoſa e piedoſa bondade de noſſo Snõr e Remjdor e ſaluador ũdadejro d̃s e homẽ. / E porẽ ueendo e conſyrando ſõbr o q̃. d̃to he / Eu Nuno mĩz da ſilueira caual.º frⁱpã da poridade do muy nobre e exçellente e mujto honrrado E ſclareçido Sõr Iffante Eduart p̃mogenito e herdeiro nos Regnos de portugall e do algarue e do ſenhorio de cepta E eu leonor gonçalues daauũ ſua molher / como noſſo Snõr jhũ xp̃o cⁱador de todallas couſas e ſaluador do linhajem humanall E por ſua g̃ça e poderio nos cⁱou e fez denhũa couſa aaſſua fegura e jmajem E nos juntou ambos ẽ ſtado e ordẽ de caſamento p ell f̃ta e ordenada no parayſo terreall e nos pueeo por ſua ſancta mçẽe e mjsericordia ſem noſſos mẽçimentos de mujtos bens corporaes e temporaaes p.ª ho cõ todo aãmo de ſeruir e louuar E nos como jndignos e eñgtos e deſconhecidos cõnt elle nõ ſguardando as mujtas mçeẽs q̃ nos ha f̃tas e beẽs q̃ del reçebemos e como cⁱaturas mujto aſaſtadas aſy nas ũotades como nas obras das ſanctas e uⁱtuoſas uⁱtudes de noſſo Snõr jhũ xp̃o filho de d̃s e da uⁱgem maria E como das m̃ltidõees dos beens e m̃çees q̃ aſy dell recebemos p ſua g̃ça nõ desr̃bujmos nem fazemos aq̃las ſmollas e obras m̃rtorias e piedoſas por ſeu ſerviço e por bem de noſſas almas e conçiençias como dẽuamos e bem poderamos As quaaes couſas ſemp̃ leixamos dobrar p̃llas ũotades q̃ ſemp̃ teuemos ẽcrinadas e ocupadas ẽ noſſos f̃ctos e couſas temporaes ẽ que ſemp̃ mujto t̃balhamos E sõbr q̃ noſſas ujdas gaſtamos e deſpendemos E conhecendo noſſos erros e culpas ẽ q̃ aſy encorremos ẽ dapno das noſſas almas e conſçiençias E q̃rendo nos ſobrello puer cõ ag̃ça e miſicordia do mujto alto senhor de que ſe q̃ira denos amçẽar e nemb̃r e pdoar os erros e pecados paſſados E nos guardar denõ cajr ẽm elles nẽ em outros E nos leixe acabar ẽ ſeu ſeruiço e ẽ ũdadeira cõiçam e pdoança e pẽdença E deſpois leuar noſſas almas aa ſua ſancta gl̃ia honde ujuam e regnẽ pa ſẽmp cõ seꝯ ſanctos amẽ E porẽ aa sua honrra e sancto louuor ordenamos de faz̃ hũa capeella ẽ omostejro de sam domjgos da çidade deuora Aq̃ll dotamos de tantos bens p q̃ pa femp̃ por parte da renda delles ſeg.º ſe aodiante ſegue e declara. ſe poſſa bem cantar e dĩz ẽ cada huũ dia hũa miſſa aahonra e louuor do noſſo Rey çeleſtiall e ũdad.º Remjdor e noſſo ſaluador jhũ filho da virgem E em louuor e gloria da ſua bẽeta madre Raynha dos anjos arca e tabñaculo dos theſouros e ſanctos ſeg̃edos da diuindade Aaq̃ll pz̃a q̃ añt o ſleu beento e glorioſo filho q̃ira. ſeer uogada e pcurador por nos pecadores e pllas almas de noſſos padres e madres E p o d̃to ſenõr Iffante E põ todos aq̃lles e aq̃llas de q̃ nos deçeendemos e q̃ denos deſcenderem E de ſy por todolos oũts de q̃ alghũs bens auemos recebydos E que aſy os mot̃os como os q̃ uiuẽ. tantos bens e g̃ças. queira por nos todos pcurar e faz̃ aũtogar ao ſeu bẽeto e g̃rioſo filho jhũ q̃ em fim de noſſos dias cõ elle uiuamos e regnemꝯ ante a ſua face e no ſeu ſancto Regno celleſtiall pª ſp̃re amẽ E pa ſe eſta Capella aũ de cantar como cõpre a ſeruiço de noſſo Snõr senhor d̃s e de ſua mad̃ ſag̃da Virgem Maria e por bẽ e p̃uejto e ſaude de noſſas almas fazemos e outorgamos e afirmamos eſte cop̃miço e ꝯcto cõ as clauſullas e declarações e ꝯdições q̃ ſe adiante ſeguẽ...»

Cod. $\frac{\text{CLVII}}{\text{2-21}}$ da B.ª d'Evora.

Entre varias poesias a Vasco da Gama, que se encontram em copias estropeadas 'num codice da Bibliotheca de Evora, ha uma composição em tercetos e um soneto, quiçá ineditos e de Gaspar Dias Cardoso, que, por menos defeituosos, aqui ficam, e assim dizem: (7)

Á sepultura do Conde D. Vasco da Gama primeiro descobridor e Almirante da India

Aquelle a quem primeiro obedeceram
Os mares nunca dantes navegados,
E a cujo esforço os Indios, não domados,
Humildes seus pescoços submetteram;

Por quem fé verdadeira conheceram
Os que viviam em falsas enganados,
E em reinos tão remotos e apartados
Seu grande imperio os lusos estenderam;

Depois que a quantas empresas começou
Seu valor deu o fim mais desejado,
Por meio de mil trabalhos que passou,

Deixando o corpo aqui depositado,
O espirito puro á gloria encaminhou,
Ficando em terra e céo eternisado.

Cod. $\frac{\text{CXIV}}{2\text{-}2}$ da Bibl.ª d'Evora.

---

(7) Veja o nome d'este escriptor na *Bibliotheca Lusitana.*

AO CONDE ALMIRANTE

De Gaspar Dias Cardoso

Agora, musa, em tão difficil caso
Convem que molhes a grosseira penna
Na caudalosa veia do Pegaso.

Deixa a humilde frauta e rude avena,
O inculto estylo dissonante,
Imitando do Tityro a camena.

Teus fracos hombros mostrem 'neste instante
A grande e nunca vista fortalesa
Com que susteve o céo o velho Atlante;

Posto que sei de certo que esta empresa
Cegára a vista d'outro entendimento,
Que possuira mais da naturesa;

Mas já que puz tão alto o pensamento,
E que passei alem da clara meta
Com passo livre de soberbo intento.

Com voz mais temeraria que discreta,
Cantarei por que digam, nunca a tanto
Se atreveo na vida outro poeta.

E vós, ó maravilha e novo espanto
De nova edade por divina sorte,
Não despreseis meu atrevido canto,

Antes me sêde guia e claro norte
A quem eu vá seguindo neste pego,
No qual sem favor vosso vejo a morte.

O bravio golfão em que navego,
Dos louvores que canta a fama vossa
Me tem suspenso, mudo e quasi cego.

Cantar de vós, sem vós, quem ha que possa?
Dae alento, gran conde, á musa minha,
Pois ventura ordenou que fosse vossa:

Vós a tiraes do Lethes onde a tinha
Sepultada, por ver que a naturesa
Lhe não quiz pôr cepilho, regra ou linha.

Com asas que lhe dá vossa grandesa
Quer mostrar como sois rico thesouro,
Em que o céo encerrou sua riquesa.

Divino Marte, que o sagrado touro
Em Gama trnsformou, para que o mundo
'Nelle visse outra vez a edade de ouro,

Lusitano famoso mais jucundo,
De animo forte e de mão poderosa,
Capaz de subjugar o mar profundo,

Por cuja clara sorte generosa,
Que só de si procede porque seja
Entre as cousas do mundo mais famosa;

Columna que Deos fez, porque se veja
Que *nihil est plus ultra* entre humanos,
Estando 'nesta o bem que se deseja.

Ah! famosos poetas soberanos,
Que no templo immortal da eternidade
As cousas conservaes desses Romanos;

Musicos cysnes que, com suavidade,
Da corrente lethea is reservando
Ainda os feitos da primeira edade,

E nas asas da fama levantando
Aquelles que por seus famosos feitos
Se vão das leis do tempo libertando,

Quão justo fôra que hoje, em pó desfeitos,
Da mesma carne foreis revestidos
Para poder cantar altos conceitos,

Não dos heroes feitos esclarecidos,
Do famoso Alexandre, que na terra
Teve o logar primeiro entre os nascidos;

Nem do invicto Cesar, que na guerra
Fez tremolar as aguias soberanas
Na mais difficil e inexpugnavel serra;

Nem d'aquelle que as forças africanas
Tantas vezes domou, que foi chamado
Qual na batalha o capitão de Cannas;

Mas de vós, inclito Gama consagrado.
Que cantasse Petrarcha, o grande lasso,
O Mantuano Tityro, afamado;

Que cantasse Homero, Dante e Tasso,
E, finalmente, as nove irmãs famosas,
Sacras habitadoras do Parnasso;

Estas musas que digo, tão formosas,
Por mais que da corrente consagrada
E do santo licor fossem mimosas,

Que poderam cantar, que avantajada,
Lhes não ficasse minha musa pobre
Pois que para louvar-vos foi ousada?

Se porventura se abre em chumbo ou cobre
O escudo real do rei sublime
Parece-vos que fica menos nobre;

E quando o bello sol na terra imprime
Os raios com que o mundo orna e doura,
Nunca por os sujar 'nella os reprime;

E a *seria* Diana, casta, linda e loura,
Se de obscura nuvem é tratada
Jamais sua bellesa se desdoura.

Que seja vossa fama celebrada
Almirante famoso, grande e forte,
De minha temeraria lyra ousada,

É dardes vida a uma eterna morte:
E vós, ainda que mal encarecido,
Sempre ficaes um claro e fixo norte.

Bem vejo que me chamaes de atrevido
E temo que de nescio muy sobejo,
Qual o moço do carro mal regido;

Mas que farei, gran conde, a este desejo,
Com que já conduzido e abrasado
Sem me poder valer, arder-me vejo?

Serei qual o soberbo Icaro ousado,
Ou qual Sisypho que com o peso duro
Torna a começar depois de mais cançado.

Bem sei a que perigos me aventuro;
Mas, quem se arrima a tão felice planta
Pode de todo o mal viver seguro.

Serei qual aguia que inda não levanta
As asas para os olhos pôr no raio,
Antes da vista se admira e espanta.

Por onde a musa, com mortal desmaio,
Fica sentindo, com tristeza e pena,
O muito pouco fruito deste ensaio;

Mas, se na vista vossa mui serena,
Lhe não faltar o muito que já vejo
Não terá das do mundo a mais pequena.

Do claro Indo ao dourado Tejo,
E donde o sol se põe té donde parte,
Vós poreis em effeito seu desejo,
E ella vos porá no céo de Marte. (8)

(8) Copiada por um ignorante, esta e outras composições a Vasco da Gama, foi-me preciso retocal-as, despil-as dos manifestos êrros que continham. Outras despresei por ser difficil, se não impossivel, o restituil-as á primitiva puresa. Por se verem alguns desses erros aqui os ponho: *Penna* por veia; *Pelaso* por Pegaso; *Agoas* por aguias; *Laço* por lasso; *Ecaro* por Icaro; *Agea* por aguia, e a omissão de dois versos 'numa estrophe, que por amostra do como se podem compor os fiz e vão em italicos. Mais devo dizer que o adjectivo *seria*, dado a Diana é o unico que me sae plausivel de uma abreviatura phantasiosa. Apesar dos retoques, estrophes ha que ainda ficam obscuras por ellipticas, ou por carecentes de boa grammatica.

RETRATOS DE VASCO DA GAMA

Parece dever ser antigo o retrato da Bibliotheca de Evora. Pintado em tela, medindo $1^m,96 \times 1^m,1$ representa Vasco da Gama talvez depois de voltar da primeira viagem. Não tem data nem o nome do pintor. Mediocre, é possivel, comtudo, que represente com fidelidade o argonauta, como provavelmente seria da sua casa 'nesta cidade, comprada pelo Santo Officio. Não se sabe a procedencia delle para a Bibliotheca; mas não repugna que viesse da Inquisição, onde se acharia desde a compra até 1820.

Por curiosidade artistica, aqui ficará nota dos retratos do grande homem, que existem na unica collecção de *retratos de portuguezes* que temos tão vasta, reunida com muita diligencia e dispendio, pelo cavalheiro a quem se dedica este modesto trabalho:

1 — Gravado em metal. No frontispicio gravado do livro: *Propvgnacvlvm Lvzitano — Gallicvm contra calumnias Hispano-Belgicas*... Autore R. P. Francisco a S. Augustino Macedo. Parisiis, 1647, fol.

2 — Gravado em metal, por T. Cross. No *The Lusiad*, trad. by Richard Fanshaw. London, 1655.

3 — Gravado em metal. No primeiro vol. das *Obras de Luiz de Camões*. Paris, á custa de Pedro Gendron, 1759.

4 — Gravado em metal. No primeiro vol. das *Obras de Luiz de Camões*. Lisboa, na off. de Miguel Rodrigues, 1772.

5 — Gravado em metal. No tomo II da *Histoire des découvertes et conquestes des*

Portugais dans le Nouveau Monde, par le R. P. François Lafitau, de la C. de J. Paris, 1783, 4.º

6 — Gravado em metal, por Braz Ametller. Nas *Investigaciones historicas sobre los principales descobrimentos de los Españoles...*, por D. Cristoval Cladera. Madrid, 1794.

7 — Gravado em metal, por Blanchard fils. No tomo II das *Obras do grande Luiz de Camões*. Paris, na off. de P. Didot Senior. 1815.

8 — Gravado em metal. A. do Carmo, del. J. J. de Sousa, sculp. Na *Collecção de retratos de todos os homens que adquiriram nome pelo genio, talentos, virtudes, etc. desde o principio do mundo até nossos dias... com um resumo de suas vidas*. Rio de Janeiro, na Impressão Regia. 1816.

9 — Gravado em metal. J. da Cunha, delin. D. J. da Silva grav. Nos *Retratos e elogios de varões e donas que illustraram a nação portugueza*. Lisboa, 1817.

10 — Gravado em metal. Nos *Retratos dos grandes homens da nação portugueza, assim antigos como modernos*. Lisboa, 1805-1825.

11 — Gravado em metal. No *Portugal*, por Mr. Ferdinand Denis. Paris, 1846.

12 — Gravado em metal. Westermayr del. F. Rosmasler sc. bei d. Geb. Schuman in Zwichau. 1818.

13 — Gravura em metal. C. Westermayr f.

14 — Gravura em agua forte. No *Journal du voyage de Vasco da Gama en 1497*, trad. du portugais par Arthur Morellet. Lyon, 1864.

15 — Gravado em metal, por G. Cook. No segundo vol. de *The Lusiads* translated by J. Aubertin. London, 1876.

16 — Gravado a agua forte. L. David, dez. E. Champolion sc. A. Salmon imp. No 1.º fasc. do *O livro do centenario*.

17 — Gravura a agua forte. Armand Dumaresq agua forti.

São raras as provas deste retrato, gravado a agua forte pelo pintor militar francez A. Dumaresq, que offereceu a chapa ao fallecido rei D. Fernando. Esta existe hoje em poder del Rei D. Carlos.

18 — Gravado em metal a contorno. N. pinxit. Landon direxit. No tomo IX da *Galerie historique des hommes célèbres de tous les siècles et de toutes les nations...* Publiée par C. P. Landon peintre... Paris, 1807.

19 — Gravado em pedra. Em fórma de medalhão juntamente com os de Paulo da Gama e de Nicolau Coelho. No livro: *Vasco da Gama e a Vidigueira*, por A. C. Teixeira de Aragão. Lisboa, 1887.

20 — Lithographado por J(oão) B(aptista) Ribeiro. Porto, 1838. No *Roteiro da*

Viagem de Vasco da Gama, publicado por Diogo Copke e Dr. Antonio da Costa Paiva. Porto, 1838.

21 — Lithographado por C. Legrand. Na *Collecção de retratos e biographias dos personagens illustres de Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1840-41.

22 — Lithographado por R. Stoqueler. No jornal *O Observador viajante*. Lisboa, 1840.

23 — Lithographado por M. J. Valentim na Imprensa Nacional, Lisboa. No tomo VI da *Historia de Portugal*... por José Lourenço Domingues de Mendonça. Lisboa, 1844.

24 — Lithographado. Lithog. de M. Luiz da Costa, R. N. dos Martyres, n.º 12. Colorido a pincel. No n.º 6 da *Galleria dos Vice Reis e Governadores da India Portugueza*, por José Maria Delorme Colaço. Lisboa, 1841.

25 — Lithographado por Sendim. Lith. de M. Luiz da Costa. R. N. dos Martyres, n.ºs 12 a 14. 1845.

É a primeira reproducção do quadro hoje existente no Museu Nacional, pintado em madeira, que pertenceu ao Conde de Farrobo, e que, comprado por D. Fernando, foi por este offerecido á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

26 — Lithographado. Botelho lith. off. de M. A., R. do Crucifixo, n.º 13. No tomo IV da obra *Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania*. Lisboa, 1848-50.

27 — Lithographado. Sá lith. off. R. N. dos Martyres n.º 12. No *Portugal pittoresco*, por Mr. Ferdinand Deniz. Publicado por uma Sociedade. Lisboa, 1846.

28 — Lithographado. J. G. Costa lith. Lith. de Fontes. No primeiro vol., n.º 19, do *Universo illustrado, pittoresco e monumental*. Rio de Janeiro, 1858.

29 — Lithographado. No tomo II das *Lendas da India*, por Gaspar Corrêa. Lisboa, 1860.

30 — Lithographado. No *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497*, 2.ª edição. Lisboa, 1861.

Tem por baixo em facsimile: «Ho cõdalmirante». Vid. n.º 33.

31 — Lithographado. Emygdio lith. off. R. da Prata, 198. No jornal *O Civilisador*, tomo II. Porto e Lisboa, 1861.

32 — Lithographado. Sousa (Joaquim Pedro de) Lith. de Manuel Luiz. Lisboa.

33 — Lithographado. S. lith. Lith. Lopes, R. N. dos Martyres, 2 a 4. Lisboa.

Egual ao n.º 30, apenas com a differença de ter a inicial do lithographo, a officina e o nome por baixo.

34 — Gravado em metal. Sousa (Joaquim Pedro de) gr. No tomo VI das *Obras de Camões*, publicadas pelo Visconde de Juromenha.

A reproducção desta chapa encontra-se tambem, alem de outras publicações, na trad. ingleza dos *Lusiadas*, por Rob. Duff., Lisboa, 1880, e na trad. franceza do mesmo poema, por H. Garin. Lisboa, 1890, etc.

35 — Reproducção pela phototypia de um desenho a carvão de Julio Costa. No primeiro vol. do *Plutarcho portuguez*. Porto.

36 — Gravado em madeira. No livro: *A descoberta da India contada por um marinheiro*, por M. Pinheiro Chagas. Lisboa, 1891.

37 — Gravado em madeira. No segundo vol. dos *Lusiadas*, edição revista e prefaciada por Theophilo Braga. Lisboa, Pereira & Amorim, 1881.

38 — Gravado em madeira, por A. No segundo vol. dos *Lusiadas*, ed. revista e prefaciada por Th. Braga. Lisboa, Nova Minerva Internacional, 1882.

39 — Gravado em madeira, por J. Pedroso, des. por V. No tomo I do *Vasco da Gama*, por J. M. Latino Coelho, (Da «Galeria dos varões illustres de Portugal»). Lisboa, 1882.

40 — Gravado em madeira. No *Die Lusiaden von*, F. Booch Arkossi. Leipzig, 1854.

41 — Gravado em madeira, por Pastor. No tomo IV da *Historia de Portugal*, por M. Pinheiro Chagas. Edição popular e illlustrada.

42 — Gravado em madeira. No livro: *Portugal and its people*... by W. A. Salisbury. London, 1893.

43 — Gravado em madeira. No livro: *Prince Henri the navigator*... by C. Raymund Bearley. London, 1895.

44 — Gravado em metal. José Joaquim Marques, Esculpio. Reproduzido na *Historia de Portugal*, trad. por Silva Bastos do original inglez de Stephens... Lisboa, 1893.

45 — *The three voyages of Vasco da Gama the and his vice royalty, from the Lendas da India of Gaspar Corrêa translated*... by H. E. S. Stanley. London, 1869. (Vol. 42 da Haluit Society). Gravura em metal.

46 — Gravura em metal (?) Vem citado no terceiro vol. da segunda parte do *Portugal no estrangeiro*, ao falar do livro : *The Periplus of the Erythrean Sea, containing an account of the navigation of the ancients from The sea of Suez to the coast of Zanguebar*. London, 1800-1805, duas partes, um vol.

47 — No livro *Portugal*, por H. Morse Stephens. London, 1891, pag. 169. Gravura?

48 — Lithographado. Copia do das *Lendas da India*. No livro: *Centenario da India 1497-1897. Descripção da primeira Viagem de Vasco da Gama á India*, por Cesar da Silva. Lisboa, 1896.

49 — Gravado em madeira. Na traducção russa dos *Lusiadas*. S. Petersbourg, 1897.

Foi o primeiro Conde de Sortelha um homem de talento, valido de D. João III até que foi substituido por D. Antonio de Ataide, depois Conde da Castanheira, e bom poeta, *que compoz em estylo polido para aquelle tempo*, affirma o auctor da *Historia Genealogica*. Fique aqui, logar em que tem natural cabida, uma sua composição inedita, como a creio. Foi escripta em Goes, onde se recolheu, e acabou seus dias. Deve ser escripta por 1535, quando contava sessenta annos:

Trovas do Conde de Sortelha, Luiz da Silveira, estando na Beira recolhido, a Simão de Sousa do Sem, (1) *que estava na côrte*

Não hajaes por desatino
este meu, que tenho feito;
porque, alem de ser proveito,
do al tambem não me fino;
ha mil de nastro retorto
cá, que vós, lá onde estais,
não cuideis que tendes mais,
pelas quaes eu ando morto.

Assi que hei por meu conselho
estar cá já mais de assento;
porque lá sam já mui velho,
e cá, mato um coelho
e mais de cento:

(1) Ou d'Ossem, ou d'Ocem.

não me dá nada paixão,
e ainda bem não desejo
a cousa, quando a vejo
já na mão.

Ora vede que tal vidas
era lá a vossa e a minha,
não sendo logo perdidas
se não em casa da Rainha:
vede que devem de ser,
ou que direi,
das que se foram perder
em casa del Rei.

Ahi já não ha medrança,
pera se homem presar della;
tudo vae sem ordenança:
uns a perdem pela lança,
outros a ganham sem ella:
por ser desta paixão fora
tenho tomado esta vida,
que não hei por mui perdida
até agora.

Desses de sangue reaes
a que home lá avorrecia
pola arte de Dom Garcia
é o reino donde estaes.
Aquestes são os chamados
dos porteiros escolhidos,
e polas portas mettidos
sem irem esfarrapados.

Mas a quem não vem do olho,
e anda sempre de fora,
e quando se já melhora
fica preso no ferrolho;

este tal dirá do paço
assi como eu delle digo,
e virá a viver comsigo,
como eu faço.

Tenho cá mui certas truitas,
e rio bem pola porta, (1)
e o que me mais conforta
què são ás bragas enxuitas:
ando com canna na mão,
de sol a sol a pescar;
tiro mil vezes em vão,
peixes me podem ganar,
mas damas não.

Dae ao demo o mal das damas,
Não cureis do seu bem dellas;
porque querem ser donzellas,
e mais querem boas famas:
á que não leva este geito
dae-lhe logo c'um cavaco:
vede que negro direito!
quem viu nunca honra e proveito
caberem ambos 'num sacco?

Deixae-as vós lá casar;
que a verdade é soalheiros,
antre moças de pandeiros
este é o namorar,
que dizem, se lhes fallaes:
Senhora é Santa Maria!
minha marca é destas taes:
deixo a mais galantaria
a vós, que não quereis mais.

---

(1) Goes e rio Ceira.

Outro muito grande bem
tenho cá onde me vim,
que não sirvo a ninguem
antes me servem a mim,
e que disso lá a minha arte
não fôsse merecedor,
crede que cá nesta parte
que me hão per nosso Senhor.

Não cuideis que ha hi serãos
com seu muito e máo dançar,
que chegue a mandar villãos
e a não os ver mandar,
e a não ter nenhum medo,
nem paixão,
quando lhe home dá o dedo
de lhe tomarem a mão.

Ao longo desta ribeira (1)
vivo vida descançada,
e a derradeira;
esta é vida verdadeira
pera quem já não quer nada:
não tenho já esperança
de senhor, nem de senhora,
nem mais bemaventurança
que estar já dellas fora.

Não tenho nenhum receo
de haverdes lá por sandeu
a quem viver pelo seu,
se lhe não dão o alheo;

(1) Ceira.

tambem faz me não lembrar
quanto perdi em enganos,
não me poderem quitar
sessenta annos. (1)

E a quem esta vida toma,
c'os prazeres que nella ha,
nem lembram bailes de Roma
nem mesmo moças de lá;
não me dá que mo creaes
quer se me, senhor, não creia;
mas eu folgo de ser mais
o primeiro desta aldeia,
que o segundo donde estaes.

Eu vos tenho adivinhado
que haveis de haver de mim dó,
de estar em despovoado:
estaes muito enganado;
porque quando estou só
estou mais acompanhado:
tenho esta arte provada,
de que me hei por mui ditoso,
que quando não faço nada
estou menos ocioso.

Sei tambem que me direis
que tendes damas e paço;
mas quão longe de baraço!
e já sabeis
se bem com ellas folgaes,
por esses negros favores
com algum desses senhores
vós, senhor, o amargais.

(1) Por 1535.

A quem dessa vaidade
mais cedo fora se vê,
faz-lhe Deos muita mercê;
mas a mi fez-ma já tarde;
mas comtudo, na verdade,
esta minha liberdade
é já por tamanho bem,
que não tarda quando vem,
e o al é saudade.

Do tempo que lá vivi,
não da maneira que digo,
não queiraes maior castigo
que verdes que o perdi:
eu vos fallo como amigo,
que esteve já no perigo
e agora vê-se fora;
que a verdade é ir embora
semear centeio e trigo.

Vem cá estes caminheiros,
dando famas,
que são lá soltas já as damas
a escudeiros:
cri isto que me diziam;
porque quem não crê não erra,
visto como estaes em terra
adonde los ciegos guian.

E tambem vem affirmando
que por evitar despesas,
com que eu vou muito folgando,
são já lá as barras defesas:
é tão justa ordenação
que até os mouros a entendem:
em Larache e Tetuão
diz tambem que se defendem.

Deixe-me Deus repousar
a mi cá entre estas serras, (1)
e a vós lá triumphar,
e fartar bem dessas guerras,
em que ha bem que fallar;
mas, calar;
não quero mouros matar
nem que mouro mate a mim,
nem ordenar minha fim
já se não mui de vagar.

FIM

Este meu não fallar nada
palra mais que um papagaio:
accrescente Deus a armada,
a mim leixe abril e maio:
ficará-me grande dor
se o que não posso dizer
ficar lá por entender;
mas a bom entendedor . . (2)

Resposta de Simão de Sousa a estas trovas

A mercê que me fizestes,
nas novas que me mandastes,
vós soubestes
bem em quem as empregastes:

---

(1) Goes.

(2) Na opinião do sr. dr. Theophilo Braga estas trovas alludem á expedição de Tunis, em 1535.

se eu fôra home que gabára
algum grande trovador
a vós, senhor,
por primeiro vos contára.

E pois em resposta cabe
qualquer certesa,
haveis de soffrer simplesa
de quem a sabe;
por tanto, sobre esta pedra
quero fundar esta obra;
ca faz medra
quem tão boa peça cobra.

Vossas trovas todas li,
e que todalas bem lesse
algumas dellas senti,
e as que eu não entendi
busquei quem as entendesse:
ando em arrenegar
da vida, que é rezão,
porque vos vejo folgar,
e eu não posso manjar
um melão.

Este só conforto tem,
e quem o mister houver
tome-o se lhe vem bem,
ou se quizer;
o exemplo é verdadeiro
que a mim certo não engana;
que quem pesca em ribeiro
ou com canna,
muito mais come que gana.

Na vida que assim gabais
não ha nella nenhum bem,
polos descanços que tem,
que confessais;
que a vida para ser vida
podeis vós mui bem saber,
que ha de ser tambem perdida
como eu me soube perder.

Assi que destes primores
tem quem perde liberdade,
e são, na verdade,
opiniões de Doutores;
os mais encadarroados
dirão o que vós direis;
mas se me vós entendeis,
vós direis
que não ha hi mais em tres dados.

Se vos minha vida gabo
não é pela que me dão;
antes essa vos desgabo;
que é certo, senhor, em cabo,
sem rezão;
mas hei por bem este mal,
e o que sento,
porque sei que tudo o al
é vento.

Dizeis me que tendes lá
muito bem,
e eu dir vos hei de cá
que me matam quantos vem,

e não ouso de o fallar
antre gente,
que vereis mais que até olhar
escassamente. (1)

Com danças e com serão
folgue quem quizer com elles,
que eu não tiro mais bem delles
que paixão:
uma cousa me conforta
em cabo,
que não está sempre o diabo
detrás da porta.

Se quereis que conte novas
do mundo e vida delle,
metterei em cinco trovas
quantas cousas vejo nelle:
vejo a mim e a cada um
sem praser,
alvoroço a nenhum
vejo ter.

Dão as cousas de outra côr,
vae-me tudo aborrecendo;
porque vejo que o primor
se vae perdendo.
Se quereis que dê rezão
donde isto vem,
De não vêr opinião
a ninguem.

(1) Tanto nesta composição como na do Conde de Sortelha ha passagens obscuras ainda, não obstante o muito que fiz por esclarecel-as no acervo de erros manifestos do copista que as escreveu no codice, em que se leem. Fiz o que pude

Põe-se tudo em direito,
ouvir nisto se esforça,
tudo se leva por geito,
e não por força:
não toparam em Biscaia
os da canella,
nem menos vem de Castella
quem se vaia.

Que presta bem entender,
nem valentia,
se tudo vejo perder
por esta via!
as rendas e a medrança
são de feição,
que não acham rezão;
el seso ni las alcança.

A gente anda occupada
e em som de mui guerreira;
mas na mia para esta armada,
a primeira,
bem pode ser que será,
meu senhor,
pera est'outra que virá
de Cananor.

O saber e discrição
tem mui pouca autoridade,
o baixesas, na verdade,
quantas são;

---

na escacez de meus conhecimentos linguisticos: faça o que não pude o leitor instruido e sabedor da lingoagem quinhentista, não ao alcance de muitos.

muitas vezes na rezão
me faço parvo e sandeu;
mas destruido seja eu
se o sam.

A guerra anda muito quente,
o pelejar muito frio;
mas na mor parte da gente
se enxerga o fio:
folgo com damas equilas:
o terreiro, a meu ver,
é terreiro no beber,
e não no tomar das villas...

Olhae como é de janellas
em que damas hão de estar,
para matar,
que estão sempre villões nellas
de esfolar:
nem trazem os olhos sãos,
e, per vida minha,
que é desar estes villãos
em casa da Rainha.

Assi que não ha cá folgar,
nem ha homem que o veja;
mas antes o enfadar
me sobeja,
e se me faço loução,
por meu desenfadamento,
num dia me faço cão,
e vejo cento.

FIM

Assi val mais que a Mina
o que deixo de dizer;
que a meu fraco entender
é vianda golosina:
não fallo em fermosuras
nem nas gabo;
por que hei de ir fazer mesuras
a outro cabo.

Cod. $\frac{\text{CXXIV}}{2\text{-}2}$ da Bibl.ª d'Evora.

Foi acabado este trabalho no mez de Julho, anno da Trabeação de MDCCCLXXXVI.

19274

FINIS-LIBRIS
JOÃO ROSA
COLECÇÃO EBURINA
Eis a nobre cidade, certo assento
Da rubida Sertorio antigamente,
onde ora os aguas nitidas da Argento
vem sustentar de longe a terra e a gente,
pelos arcos reaes, que cento a cento,
nos ares se aleuantam nobremente.
Camões Lusiadas
C. III - LXIII

PREÇO 300 RS.